

# A pedagogia política anticomunista no jornal Notícias Populares (1963-1964)

Larissa Raele CESTARI<sup>1</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar o jornal *Notícias Populares*, entre outubro de 1963 e abril de 1964, como um instrumento de pedagogia política anticomunista utilizado por um setor da elite liberal paulista. Oferecendo imagens, valores e representações, *Notícias Populares* buscou difundir uma cultura política dos grupos liberais entre as classes populares e convencê-las da necessidade de refutar não só o comunismo, mas também o governo João Goulart e o conjunto das esquerdas.

**Palavras-chave:** *Notícias Populares*; anticomunismo; governo João Goulart

**Título espanhol** La pedagogia política anticomunista en el diário brasileiro Notícias Populares (1963-1964)

**Resumen:** El propósito de este artículo es analizar el periódico *Notícias Populares* entre Octubre de 1.963 y Abril de 1.964, como instrumento de pedagogía política anticomunista que provee imágenes, valores y representaciones que buscan convencer a las clases trabajadoras de la necesidad de desmonte del comunismo, bien como del gobierno de João Goulart y de la izquierda.

**Palabras-clave:** *Notícias Populares*, anticomunista, gobierno João Goulart

## Introdução

A imprensa como objeto da história política, e não apenas como fonte, adquire importância quando destacamos o seu papel de instrumento estratégico de determinados grupos para levar até o público suas ideias e propostas, buscando o convencimento da sociedade (ou de parte dela) e a intervenção na vida política de um país.

1 Mestranda em História pelo CPDOC\FGV. Bolsista Faperj. larissacestari@oi.com.br

Nesse sentido, a imprensa é, também, importante vetor de difusão e socialização de determinada cultura política, já que, por meio dela, grupos políticos propagam valores, imagens e representações acerca da realidade em que vivem, mobilizam sentimentos e evocam fidelidades a tradições (Bernstein, 1998). Esses aspectos são importantes quando consideramos que os embates políticos vão além da adesão a ideias racionais, mas que os fenômenos políticos passam também pela força das emoções (Motta, 2009).

Ao considerarmos o papel da imprensa na construção e difusão de ideias e elementos de uma cultura política, apreciamos, também, o papel que ela adquire como meio privilegiado de pedagogia política. Num campo de batalha formado por bens simbólicos, a imprensa, ao difundir e “didatizar” um sistema de referências, transforma determinadas doutrinas num conjunto de conceitos compreensíveis por meio de imagens, valores, representações, símbolos, etc., e, assim, alcança estratos mais amplos da sociedade (Silva, 2006).

No Brasil, no início dos anos de 1960, atores políticos de diversos matizes enxergaram na imprensa um meio privilegiado para travar uma verdadeira batalha de propaganda/contrapropaganda em torno de determinados projetos. Entre esses atores, encontrava-se um setor da elite liberal paulista, capitaneada por Herbert Levy, empresário e um dos líderes da União Democrática Nacional (UDN), que viu, no governo de João Goulart (1961-1964), no crescimento dos grupos de esquerda e no aumento da participação política das classes populares, o perigo da comunização do país. Para dar combate a essa situação de “perigo iminente”, Herbert Levy e o jornalista romeno Jean Mellé lançaram, em outubro de 1963, o jornal *Notícias Populares*, voltado para leitores das classes populares urbanas de São Paulo.

O objetivo deste artigo é analisar o jornal *Notícias Populares*, entre outubro de 1963 e abril de 1964, como um instrumento de pedagogia política anticomunista utilizado por um setor da elite liberal paulista que, oferecendo imagens, valores e representações, buscou convencer as classes populares da necessidade de refutar não só o comunismo, mas também o governo João Goulart e o conjunto das esquerdas. O anticomunismo foi articulado, nas páginas do jornal, como um dos principais elementos da cultura política liberal brasileira. Os marcos cronológicos foram escolhidos por ser, outubro de 1963, o mês da primeira edição do jornal, e abril de 1964, mês do golpe

contra o governo João Goulart. Para a análise das mensagens formuladas e difundidas sobre o tema, selecionamos as colunas diárias de Jean Mellé, criador e editor-chefe do jornal, e de Waldo Claro, jornalista que o auxiliou na difusão de um imaginário anticomunista baseado no medo e na insegurança. Esses jornalistas obtiveram destaque não só como mediadores/divulgadores, mas também com produtores de representações do real.

Vale destacar que tratar a imprensa como objeto da pesquisa histórica implica cuidados metodológicos a fim de não repetir a história narrada pelos jornais, abordando a imprensa como espelho da realidade. Segundo Capelato, “a categoria abstrata imprensa se desmistifica quando se faz emergir a figura de seus produtores como sujeitos dotados de consciência determinada na prática social” (Capelato, 1988:21). A autora chama atenção para o fato de que na construção da notícia interferem não apenas elementos subjetivos de quem os produz, mas também os interesses aos quais o jornal está vinculado. O historiador tem como tarefa não só desvendar esses interesses, mas perceber a sua intervenção na constituição da notícia.

Para Tânia de Luca, os discursos jornalísticos adquirem significados de muitas formas, por isso é necessário que o historiador esteja atento para diversos aspectos, tais como: o público a que visa atingir, os objetivos propostos, a ênfase dada para certos temas, a linguagem utilizada, os vocabulários escolhidos e a natureza dos conteúdos (De Luca, 2008: 138). Essas orientações metodológicas foram incorporadas em nossa análise das mensagens de *Notícias Populares*.

### A criação do jornal *Notícias Populares* (1963)

A ascensão de João Goulart ao poder (1961-1964) levou a um fortalecimento das organizações de esquerda, capitaneadas pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB)<sup>2</sup>, cujas propostas reformistas e nacionalistas conquistavam expressivos setores da sociedade, entre eles, as camadas populares. Essas, por sua vez, experimentavam uma am-

2 Várias foram as organizações de esquerda atuantes durante o governo Goulart, entre elas, destacamos: o PTB, que “se tornou o principal fórum de agitação e debates do ideário nacionalista e das reformas de base” (Araújo, 1990:199), e, dentro do PTB, sua ala radical, liderada por Brizola, que formava o grupo autodenominado “nacional-revolucionários”; o Partido Comunista Brasileiro (PCB), que, mesmo na ilegalidade, alcançava importante influência no jogo político; as Ligas Camponesas; o Comando Geral dos trabalhadores (CGT); organizações de subalternos das Forças Armadas; a União Nacional dos Estudantes (UNE). Ver Ferreira (2004)

pliação da sua participação política, organizando-se em movimentos sociais no campo, com destaque para as ligas camponesas, e nas cidades, onde o movimento sindical, liderado, principalmente, por trabalhistas e comunistas, promovia uma onda de greves não só por aumentos salariais, mas também visando participar das decisões políticas do país.

Para determinado setor da elite liberal paulista, representado por Herbert Levy, a mobilização e ampliação da participação política das classes populares representava uma forte ameaça à ordem dominante, pois não só conspurcava o ideal de uma democracia restritiva, baseada na crença da presciência das elites (Benevides,1981), como essas classes estariam sendo conquistadas e manipuladas pelas esquerdas e por João Goulart.

Num contexto de Guerra Fria e de polarização política como o do início dos anos de 1960, as esquerdas de diversos matizes e suas propostas foram, pelo grupo de Levy, rotuladas de comunistas. A vitória de uma tese defendida por toda a esquerda, como, por exemplo, a reforma agrária, poderia levar a outras propostas, como a expropriação urbana ou das indústrias. As alianças feitas, em determinados momentos, entre comunistas e trabalhistas, no movimento sindical e no jogo político partidário, constituíam prova irrefutável da “ameaça vermelha” em que o país se encontrava.

Nesse sentido, o ano de 1963 foi um marco na percepção dos setores liberais de um “perigo comunista iminente”. Através da Frente de Mobilização Popular, liderada por Leonel Brizola, os diversos grupos de esquerda, incluindo o Partido Comunista Brasileiro (PCB), se reuniam e pressionavam Goulart para implantar as reformas de base, mesmo que ao custo de um rompimento constitucional (Ferreira, 2004). Ao mesmo tempo, ocorria uma onda de greves, muitas das quais políticas. A Revolta dos Sargentos, em fins de setembro, somada à tentativa de decretação do Estado de Sítio pelo Presidente da República, no início de outubro, levou à desconfiança de que João Goulart tramava um golpe, com apoio dos comunistas, para permanecer no poder (Motta, 2002).

Para o grupo de Levy, urgia lutar contra esse perigo, o que significava não só combater o governo João Goulart e as esquerdas, mas, também, impedir que as classes populares dessem seu apoio a eles. Desde a crise de 1961, quando a tentativa de oposição à posse de João Goulart foi impedida pela resistência de amplos setores da sociedade civil, com destaque para a mobilização das

classes populares, tornou-se claro que intervenções no processo político brasileiro, a partir daquele momento, só poderiam ser realizadas se contassem com o apoio dessas classes ou com a sua neutralização.

Assim, entre as estratégias de reação à conquista das classes populares pelos movimentos de esquerda está o lançamento do *Notícias Populares* com o objetivo de “roubar” o público do jornal *Última Hora* (edição paulista), de Samuel Wainer. Para os setores representados por Herbert Levy, *Última Hora*, periódico identificado com as posições do PTB, representava uma ameaça, pois, em meio às notícias sensacionalistas, difundia mensagens da esquerda, promovendo a politização das classes populares e o apoio ao governo Goulart (Goldenstein, 1987).

A ideia da criação do *Notícias Populares* partiu do jornalista romeno, exilado no Brasil, Jean Mellé. Na Romênia, Mellé tinha sido proprietário de um jornal popular, baseado na editoria de polícia, chamado *Momentul*. Quando, em 1947, o exército soviético transformou a Romênia em uma república comunista, Mellé fez oposição ao novo regime, sendo preso após publicar a manchete “Russos roubam o pão do povo” (Campos et al, 2002). Depois de dez anos nos campos de concentração da Sibéria, foi libertado em 1958, chegando ao Brasil no ano seguinte, quando foi contratado por Samuel Wainer para trabalhar como colunista internacional do jornal *Última Hora*. No entanto, no início do ano de 1963, assustado com o perigo comunista que acreditava assolar o país, Mellé deixou a redação do *Última Hora*, que, na sua visão, caminhava cada vez mais à esquerda, e apresentou, para Herbert Levy, o projeto de criação de um jornal popular anticomunista.

A proposta foi ao encontro dos interesses de Levy que viu em *Notícias Populares* mais um meio de impedir que as classes populares dessem seu apoio ao governo Goulart. Na conjuntura do início dos anos de 1960, Levy destacava-se como presidente nacional da União Democrática Nacional (UDN), então principal partido de oposição. No Congresso, como deputado federal, fazia parte da Ação Democrática Parlamentar, bloco interpartidário que fazia oposição intransigente a todas as propostas do governo e das esquerdas, entendidas como comunistas. Como empresário, integrava o grupo paulista do Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais (IPES), participando, desde 1963, de reuniões conspiratórias com políticos e militares para derrubar João Goulart.

Dessa forma, Levy tornou-se proprietário do jornal. Como editor-chefe foi escolhido o próprio Mellé, que contou, entre outros, com a colaboração de Waldo Claro, jovem jornalista e militante udenista. Mellé e Waldo Claro, representando as ideias dos setores liberais capitaneados por Herbert Levy, foram os jornalistas que mais se empenharam, através de suas colunas diárias sobre política nacional e internacional, na difusão de um imaginário anticomunista.

### **Pedagogia política anticomunista em *Notícias Populares***

Na visão de Mellé e Waldo Claro, as classes populares, carentes de educação e qualificação cultural e, por isso, incapazes de pensar e agir por si mesmas, precisavam ser educadas e guiadas politicamente, caso contrário seriam presas fáceis dos grupos de esquerda. Nesse sentido, o papel da imprensa como instrumento de pedagogia política foi destacado pelos jornalistas, para quem a imprensa popular seria importante fonte de informação e formação das camadas populares. Na visão de Mellé, para que houvesse eficácia no convencimento dos leitores, os jornalistas deveriam trabalhar com temas que fossem sensíveis às classes populares. A mensagem do jornal deveria ser elaborada através de uma linguagem simples, informal e com textos curtos, pois só assim acreditava que seus conteúdos seriam absorvidos. Além disso, o uso dos recursos do sensacionalismo visava estabelecer um enquadramento dramático da notícia, buscando o envolvimento emocional do leitor e a sua parcialidade perante os fatos (Barbosa, 2004).

Através das páginas de *Notícias Populares*, Mellé e Waldo Claro travaram uma verdadeira batalha contra o proselitismo das esquerdas e o governo João Goulart. O objetivo da sua pedagogia era fornecer ideias, imagens, valores de uma tradição anticomunista, especialmente a de matriz liberal<sup>3</sup>, que conformasse a visão de mundo das classes populares e estimulasse o medo e a insegurança em relação ao comunismo, identificando esse perigo no governo Goulart. Para garantir o sucesso de sua campanha,

3 Motta define três matrizes da tradição anticomunista brasileira: a liberal, a católica e a nacionalista. Segundo o autor, apesar de terem origem e fundamentação diferentes, no processo social concreto, essas matrizes podiam ser combinadas no combate ao comunismo. Foi o que aconteceu com *Notícias Populares*, pois, embora tenha prevalecido a matriz liberal no discurso do jornal, isso não o impediu de fazer uso político das outras duas vertentes. (Motta, 2002:15-46)

adotaram a estratégia de manter o assunto em evidência, publicando, quase diariamente, textos criticando o comunismo, de modo a fixar no público as suas mensagens.

Vale destacar que a tradição anticomunista foi sendo construída, no Brasil, desde a década de 1920, quando, após a revolução russa de 1917, o comunismo deixou de ser uma abstração teórica para se tornar uma experiência concreta que, do ponto de vista dos setores liberais e conservadores, precisava ser combatida para a boa manutenção da ordem dominante. A imprensa participou da construção dessa tradição, oferecendo um conjunto de representações que, segundo Motta, contribuíram para associar o comunismo às imagens do mal, tais como violência, desordem, infiltração, totalitarismo, destruição da tradição cristã, bem como a concepção de que se trataria de propostas estrangeiras (Motta, 2002).

Mellé e Waldo Claro reforçaram e atualizaram essa tradição anticomunista, apropriando-se dos seus temas, interpretações e símbolos de modo que, uma vez constituindo parte do imaginário social brasileiro, fosse compreendida facilmente pelo leitor. Imagens clássicas do comunismo como uma planta exótica, estranha aos valores democráticos e cristãos ocidentais, foram reelaboradas e rerepresentadas num contexto permeado pela revolução cubana, pelas crises e disputas no bloco comunista, e pelo crescimento das esquerdas no Brasil.

### Representações sobre a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS)

No conjunto de imagens e representações sobre o comunismo elaborado por Mellé, o tema que mais se destacou, ocupando quase a metade das colunas selecionadas para análise, foi o da realidade vivida na URSS, especialmente a denúncia da falta de gêneros alimentícios. Contornando os avanços da industrialização soviética, o jornalista destacava o ponto fraco de sua economia: a agricultura. Títulos como “*Por que falta pão na URSS: pela primeira vez em Moscou filas diárias para alimentos*” (*Notícias Populares*, 2 nov.1963:3) ou “*Confirmado o colapso total da economia soviética: povo nada tem para matar a fome*” (*Notícias Populares*, 11 jan. 1964:3) buscavam anular o discurso comunista que tinha, na URSS, o grande trunfo para o seu proselitismo. Assim, no dia 2 de novembro de 1963, ele publicava o seguinte artigo:

O interesse do mundo concentra-se hoje sobre o que ocorre na URSS e nos países do bloco comunista,

onde a falta de trigo e de outros alimentos afastou a cortina que escondia realidades cruéis [...] aspectos inéditos das filas que se formam diante das lojas de gêneros alimentícios. Quando uma fila de trezentas pessoas chega à metade, anuncia-se que a carne, o pão ou a gordura acabaram. Figuras tristes, cabisbaixas e de olhos vermelhos, voltam para os lares, sem ter o que comer e dar às crianças. Sempre, nos 46 anos de regime marxista-leninista na URSS, verificaram-se crises alimentares [...] como consequência evidente do regime inadaptável e defeituoso de coletivização [...] onde depois de tantos anos de experiências e duras medidas, a realidade aparece em todo o seu horror [...](*Notícias Populares*, 2 nov.1963:3)

Mobilizando a emoção do leitor, através de imagens como a da família que não consegue alimentar os filhos, ou de um vocabulário carregado de significações negativas como as expressões “realidades cruéis” ou “horror”, Mellé investia em mostrar que as promessas de melhoria de vida sob o regime comunista eram falácias propagandísticas de um governo autoritário. Em outro momento, ele escrevia: “[...] falta comida, as roupas, as máquinas de lavar, etc.” (*Notícias Populares*, 28 mar. 1964:3) itens que, na sua argumentação, eram básicos para mundo ocidental, mas tornavam-se “coisas divinas” nos países comunistas, onde “todos estão preocupados com a comida por duas razões: a falta de gêneros e os baixos salários, insuficientes para pensar em outra coisa que não comida” (*Notícias Populares*, 22 nov.1963:3).

A ênfase na crise social da URSS foi a grande estratégia para tentar convencer as classes populares da necessidade de refutar o comunismo. Na disputa com as representações de esquerda, Mellé tinha consciência de que, como assinala Motta, “a principal justificativa do projeto bolchevista era a transformação social, o que significava que, se a URSS não apresentasse avanços nessa área, o apelo comunista sofreria um golpe mortal” (Motta, 2002:75). Além disso, ele partia da ideia de que o ponto mais sensível do seu leitor estava exatamente na lida com os problemas cotidianos da sobrevivência. Questões como a fome, a falta de conforto e de gêneros alimentícios não eram realidades desconhecidas pelos brasileiros, ainda mais num quadro de crise inflacionária, como a do início dos anos de 1960, em que os salários eram desvalorizados e locautes contra o tabelamento dos preços pela SUNAB eram constantes na cidade de São Paulo. No entanto, enquanto a situação de crise econômica no Brasil

era atribuída a um problema conjuntural, relacionado ao “caos” e à “subversão” que marcavam o governo de João Goulart, na URSS, a crise era identificada como um problema estrutural, ligado à própria razão de ser do comunismo, que destruía a propriedade privada.

Mellé se empenhou em mostrar que a economia soviética era primitiva e ineficiente em comparação com o regime capitalista de livre-mercado. Dessa forma, procurou abalar um dos fundamentos da identidade socialista que é a crença num regime coletivista e na aptidão do Estado para conduzir a economia:

[...] O governo soviético combate, pelos jornais, o agricultor que faz comércio particular, classificando-o de explorador do público, mas encoraja, discretamente, sua ação a fim de garantir o abastecimento urbano. A crise de produtos alimentares no mercado interno da União Soviética, a qual levou o país à necessidade de importar cereais dos Estados Unidos, está provocando um debate entre as autoridades russas e os agricultores, em torno da expansão da agricultura particular. [...] (*Notícias Populares*, 15 dez.1963:3)

A defesa da propriedade privada e da livre iniciativa estava diretamente relacionada à defesa das liberdades individuais e da democracia liberal. Em artigo contrário à estatização da refinaria de petróleo de Capuava, proposta do governo Goulart, Waldo Claro conclamava os trabalhadores a resistirem à “bolchevização da economia nacional” para que não se destruísse, no Brasil, “o instituto básico da democracia: a propriedade privada” (*Notícias Populares*, 9 nov.1963:6). O comunismo era tratado como um regime totalitário em que o “Estado autocrata, policial, centralizado, onde os cidadãos são perseguidos pela polícia secreta” (*Notícias Populares*, 28 nov.1963:6) intervinha fortemente no domínio privado sufocando todas as liberdades individuais.

Enquanto construía imagens dicotômicas como a do capitalismo como sinônimo de democracia e, portanto, o bem, em oposição ao comunismo totalitário, expressão do mal, os jornalistas silenciavam em relação ao forte debate que ocorria, no Brasil, sobre a extensão do voto aos analfabetos e que pretendia incorporar, pela via da representação institucional, um significativo contingente das camadas populares ao sistema político. O grupo de Herbert Levy, do qual Mellé e Waldo Claro eram re-

presentantes, combateu, sistematicamente essa proposta, enxergando nela um enfraquecimento de suas posições e abertura para que outras propostas do governo e das esquerdas fossem aprovadas (Benevides, 1981).

Mas, ao mesmo tempo em que silenciavam sobre esse debate, Mellé e Waldo Claro apresentavam os EUA como a maior expressão do regime democrático ocidental e exemplo a ser seguido pelo Brasil. Defensores de um alinhamento incondicional ao governo norte-americano e críticos da política externa independente mantida por João Goulart, a defesa dos EUA era fundamental para a argumentação dos jornalistas que justificavam e clamavam, pelas intervenções armadas que o governo norte-americano fazia nos países comunistas. Assim, para que seus leitores fossem convencidos de que, por exemplo, “o problema cubano só será resolvido com a intervenção dos Estados Unidos” (*Notícias Populares*, 23 nov.1963:6), Mellé precisava vencer uma batalha contra o anti-imperialismo das esquerdas que conquistavam fatias cada vez maiores da opinião pública e conseguia expressivas vitórias como as encampações das empresas norte-americanas no Rio Grande do Sul ou, no caso da política externa, o reatamento das relações diplomáticas com a URSS.

Por isso, o jornalista investiu em inverter um dos maiores discursos da esquerda que, através da denúncia do racismo e das leis de segregação racial, mostrava a falta de extensão dos direitos civis e políticos nos EUA, pon-do em xeque a imagem daquele país como bastião da democracia. No combate implacável ao inimigo vermelho, Mellé buscava inserir o racismo como um dos elementos de sua pregação anticomunista:

(...) o duplo jogo dos governantes comunistas: de um lado propaganda contra os países ocidentais, na base do antirracismo, de outro, a prática odiosa do racismo em pleno território russo. (...) os estudantes negros, em princípio cursavam as várias universidades soviéticas, mas depois foram confinados numa só, a Lumumba, especialmente criada para isso, isto é, para que não seja mantido nenhum contado com os colegas brancos. Acabaram sendo afastados do convívio da família russa (...) (*Notícias Populares*, 2 jan.1964:3)

A defesa da superioridade do regime democrático capitalista, representado pelos EUA, aliado à denúncia da crise socioeconômica e das condições políticas da URSS

levavam Mellé a prognosticar o fim do comunismo. Através do mote “depois de 46 anos de marxismo-leninismo”, recorrente em suas colunas, o jornalista fazia uma leitura do passado comunista como um regime de fracasso em que só teria ocorrido “fome, trabalhado forçado, falta de liberdade”, consequências inerentes à própria ideologia comunista. Ao mesmo tempo, o povo russo passava a desejar os prazeres da cultura ocidental:

[...] soviéticos não gostam mais de participar das reuniões partidárias e consideram que existem para eles coisas melhores que matar-se para o Estado. Os jovens querem ver os filmes feitos no Ocidente, espetáculos teatrais apresentados pelos conjuntos artísticos ocidentais, querem ler revistas, jornais, livros estrangeiros [...] não desejam mais acreditar que as classes sociais, pelas suas separações, sejam a causa de todos os males existentes [...](*Notícias Populares*, 22 nov.1963:3)

Assim, como um alerta para que os leitores do jornal não se deixassem seduzir pelos discursos da esquerda, Mellé argumentava que, se a revolução comunista obteve sucesso no passado, isso ocorreu porque o povo ainda não tinha atingido “o estágio de discernimento político em que hoje se encontra [quando], mesmo correndo perigo de ir para um campo de concentração, começa a discutir e rejeitar o regime soviético” (*Notícias Populares*, 25 mar.1964:3). Se o próprio povo soviético tinha percebido o fracasso do regime, por que, então, os brasileiros haveriam de se deixar seduzir por essa doutrina que, concretamente, só mostrava resultados fracassados?

O fracasso do bloco comunista não se daria só no plano interno, mas também no externo. No quadro da Guerra Fria, Mellé argumentava que URSS estaria derrotada, pois de nada adiantariam as “bombas atômicas de 100 megatons e foguetes que poderiam provocar o fim do mundo, se a URSS e todo o bloco comunista não conseguem alimentar seu povo” (*Notícias Populares*, 11 jan.1964:3). A superioridade econômica e militar dos EUA eram constantemente resgatadas, pois “Kennedy dispõe de elementos extraordinários, atingindo uma potencialidade militar três vezes superior à da URSS (...)”(*Notícias Populares*, 20 nov.1963:3). Outro motivo do enfraquecimento do bloco comunista estaria nas suas dissensões internas, como mostrava o conflito entre URSS e China. Segundo Motta, a propaganda anticomunista silenciou as divergências

entre os países comunistas, mantendo a imagem de um bloco coeso a fim de aumentar o medo e a insegurança e provocar a arregimentação contra o comunismo (Motta, 2002:56). A estratégia de Mellé, no entanto, foi inversa. Para tentar dissuadir seus leitores de se engajar na causa comunista, apresentou, de forma recorrente, as disputas e dissensões entre os países comunistas a fim de indicar o enfraquecimento e ruína do bloco. O comunismo seria, assim, um “regime proscrito”, pois com a crise da URSS, nenhum outro país do bloco seria capaz de substituí-la. O candidato mais forte, a China, “sem bombas atômicas e muito atrasada em sua economia, não tem condições para figurar entre as grandes potências do Globo” (*Notícias Populares*, 25 fev.1964:3)

Dessa forma, Mellé buscava mostrar que o único caminho seguro para o Brasil era o alinhamento às normas das democracias liberais ocidentais e seu regime capitalista baseado na livre iniciativa que representariam um modelo acabado da modernização da sociedade. Sob a forma de recado para o presidente João Goulart e às esquerdas no Brasil, mas buscando levar seu leitor a identificar nas atitudes desses agentes o perigo comunista, Mellé dizia:

[...] verá o presidente do Brasil que as agitações esquerdistas em nosso país são encaradas com curiosidade no exterior, onde o movimento marxista está superado pela realidade nova que o próprio Khrushchev ilustra com seus desesperados apelos no ocidente para ajudar economicamente a URSS [...](*Notícias Populares*, 25 out.1963:3)

## Comunismo no Brasil: ameaça estrangeira e infiltração

Enquanto Jean Mellé se fixava nas representações sobre a URSS e o mundo comunista, procurando identificar no comunismo um retrocesso político e econômico para mundo ocidental, Waldo Claro dedicou-se principalmente ao tema do comunismo como ameaça estrangeira e sua infiltração no Brasil.

Na interpretação de Waldo Claro, o Brasil sofreria uma ameaça iminente já que João Goulart, para prolongar sua permanência no poder, estabelecia alianças com os comunistas e as esquerdas em geral permitindo que esses se infiltrassem em vários órgãos do governo e em organizações sociais como a União Nacional dos Estudantes (UNE), sindicatos, ligas camponesas. A denún-

cia recorrente da infiltração de comunistas em sindicatos e greves operárias era particularmente cara a *Notícias Populares*, já que, entre seus leitores, deveria haver muitos trabalhadores sindicalizados. Waldo Claro costumava defender as reivindicações salariais dos operários, mas condenava e deslegitimava as greves lideradas por trabalhadores e comunistas sob a alegação de que esses “pelegos amestrados em Havana, Moscou e Pequim [manipulavam os operários brasileiros] objetivando estabelecer o reinado do totalitarismo vermelho” (*Notícias Populares*, 2 nov. 1963:6) ou, então, que as greves eram parte “do esquema acionado pelo governo federal ansioso de concretizar seus desejos confessos de continuísmo” (*Notícias Populares*, 29 out. 1963:6).

O comunismo foi apresentado como uma doutrina exótica, “divorciada da nossa forma cristã de viver” e do nosso “modelo democrático de pensar”. O “comunismo ateu” visava destruir os pilares básicos da civilização ocidental: a família, a religião e a propriedade. Ele se constituía, assim, uma ameaça estrangeira que, por meio da luta de classes, semeava a divisão da nação como tática para alcançar seus objetivos de tomada do poder. Contrapondo-se à imagem do imperialismo norte-americano, o jornalista explicava a revolução socialista como um pretexto para encobrir os interesses do imperialismo soviético e de seus países satélites, pois “as chamadas guerrilhas da libertação nacional são as ferramentas básicas de uma nova classe de imperialismo que ameaça a todos por igual” (*Notícias Populares*, 20 out. 1963:6). E alertava para a complacência de Goulart com a entrada de comunistas estrangeiros que vinham treinar agentes brasileiros para a fomentação de guerrilhas no Brasil.

O exemplo da revolução cubana, que povoou o imaginário tanto da esquerda quanto da direita, foi reiteradamente acionado por Waldo Claro para mostrar que o perigo comunista não era uma realidade longínqua da qual o Brasil não estaria imune. Como diz Daniel Reis, “o fantasma da revolução cubana assombrava: lá também uma revolução nacionalista e democrática transmudara-se numa revolução socialista e numa ditadura revolucionária” (Reis, 2004:37). A figura de Brizola era tomada como símbolo dessa ameaça, sendo identificado como o “Fidel Castro brasileiro”. Mais do que Prestes e outros comunistas, praticamente ausentes no jornal, era a figura de Brizola e outros trabalhistas, como Almino Afonso, que apareciam como a grande ameaça comunista ao Brasil. Reproduzindo uma entrevista dada por Brizola ao

jornalista venezuelano Miguel Angel Caprieles, Waldo Claro dizia:

[...] Na entrevista, disse o deputado do PTB que tomaria logo o Brasil por intermédio de uma revolução e expôs seus planos de governo [...] o político gaúcho afirmou com todas as letras que as suas ideias e os seus planos para o Brasil jamais poderiam ser postos em prática por intermédio de eleições e por meios pacíficos [...] o único caminho a ser adotado era o da insurreição popular [...](*Notícias Populares*, 15 nov. 1963:6)

A escolha de Brizola como símbolo da “cubanização do Brasil” se deu pelo fato de o político gaúcho, nesse período, ter se projetado como a grande liderança das esquerdas que pressionavam o governo Goulart a implantar as reformas de base “na lei ou na marra” (Ferreira, 2001). Nesse sentido, suas ações e seus discursos tornaram-no um alvo privilegiado dos setores liberais e conservadores que, como diz Reis, “ao contrário do que ocorrera em agosto de 1961, apareciam agora em posições defensivas, de defesa da legalidade e da democracia, justificando o golpe como último recurso para salvar a democracia” (Reis, 2004:39). Waldo Claro participou da construção do discurso que identificou a esquerda trabalhista como a grande ameaça ao regime democrático brasileiro.

### Comunismo x democracia: a deposição de João Goulart

Um dos papéis de *Notícias Populares*, para Herbet Levy, seria o de criar um clima favorável para que uma possível deposição do governo fosse aceita por seus leitores<sup>4</sup>. O discurso anticomunista, eixo da pedagogia do jornal para as classes populares, servia, também, a esse propósito. O objetivo era associar o governo Goulart às imagens negativas sobre o comunismo que reiteradamente foram construídas e difundidas pelo jornal.

Nesse sentido, desde final de janeiro de 1964, quando a movimentação contra Goulart já arregimenta-

4 Vale destacar que, embora Herbert Levy investisse num golpe contra João Goulart desde 1962, essa não era a sua única opção. Como diz Fico, “[...] enfraquecer o governo, bloquear quaisquer eventuais pretensões continuistas do presidente e torná-lo um eleitor fraco na campanha presidencial de 1965, eram alternativas admissíveis para personagens que, depois, optariam definitivamente pelo golpe” (Fico, 2004: 76).

va amplos setores civis e militares, que assumiam a bandeira da legalidade, o discurso da defesa da democracia contra o comunismo passou a ser predominante no jornal. Especialmente após o Comício da Central do Brasil, realizado em 13 de março de 1964, Mellé passou a defender a ideia de que Goulart havia se tornado instrumento dos comunistas e que o Brasil estaria ameaçado por uma ditadura vermelha. As reformas de base, tal como propostas pelas esquerdas, eram explicadas como “reformas demagógicas”, para que Goulart permanecesse no poder, em contraposição às “reformas democráticas”, defendidas pela UDN, que, na prática, perdiam seu caráter distributivo e igualitário (Benevides, 1981). Mellé passou a evocar a imagem das forças armadas como elementos decisivos para a manutenção da ordem democrática e da segurança interna do país. Dessa forma, justificando, para os seus leitores, o golpe que derrubou João Goulart, escrevia:

(...) existem poderosas forças exteriores que trabalham no nosso hemisfério dedicadas à destruição das instituições democráticas, forças para as quais a dignidade do indivíduo nada significa. Para estabelecer seus tirânicos princípios, empregam uma variedade de subversão(...). As forças armadas interpretam a vontade nacional. A maioria das forças armadas é democrática e tem como ponto de honra garantir a democracia, os direitos humanos e as normas jurídicas (...) só a possibilidade de uma ditadura antinacional obrigou o Exército a agir (...) (*Notícias Populares*, 3 abr.1964:3).

### Considerações finais

Para Jean Mellé, o comunismo, apesar de ser um “regime proscrito”, só teria fim quando “fosse eliminado como ideologia” (*Notícias Populares*, 22 jan.1964:3). A principal forma de combater o inimigo vermelho era no plano das ideias, fazendo um trabalho de contrapropaganda ao proselitismo comunista e das esquerdas em geral. Nesse sentido, o papel da imprensa como instrumento de pedagogia política anticomunista foi acionado pelo jornalista, para quem as classes populares, pouco instruídas, eram incapazes de ter uma noção do perigo real do comunismo e, por isso mesmo, eram passíveis da ação “nefasta” desses agentes.

Através de suas colunas, Mellé e Waldo Claro, construíram e difundiram representações negativas do comunismo, seguindo uma tradição anticomunista que

foi incorporada em vários dos elementos da cultura política liberal brasileira. Dessa forma, o anticomunismo fez parte da visão liberal das instituições políticas (democracia liberal x totalitarismo); da economia e da sociedade (propriedade privada x coletivização); além de compor uma leitura comum do passado (interpretação negativa do experimento soviético).

Como diz Mariani, a imprensa criou formas de representar o comunismo buscando cristalizar sentidos que ganharam “espessura pela repetição, pela crítica às vezes nítida, às vezes sutilmente disfarçada em explicação, contribuindo, assim, para consolidar uma visão negativa” (Mariani, 1998:63). No entanto, essas representações, por mais que fossem caricaturizadas, foram articuladas de forma crível, pois só assim seriam reconhecidas pelos seus leitores. Dessa forma, a denúncia sobre a crise econômica na URSS, por exemplo, só pôde ser feita porque, no início dos anos de 1960, o “socialismo real” experimentou esse processo. Ou então, por mais que exagerassem sobre a extensão da infiltração comunista, no plano do real, a esquerda, embora com um peso desproporcional ao número efetivo de seus militantes (Reis, 2004:36), radicalizava, passando a posições ofensivas e pregando uma ruptura constitucional, se fosse preciso, para implantar as reformas.

Assim, utilizando imagens e representações difundidas pelo jornal ao longo dos seis meses de sua existência, os jornalistas pretenderam que seus leitores rejeitassem os grupos de esquerda e compreendessem a deposição de Goulart como a melhor solução para resolver os problemas de subversão que o país enfrentava. No início de 1964, o sentimento anticomunista tornara-se um movimento sistematizado e de amplitude, unificando grupos de centro e de direita, que fizeram do combate ao comunismo o eixo da oposição ao governo Goulart e principal justificativa para a sua deposição. *Notícias Populares* participou desse processo, buscando incutir o medo e a insegurança em relação ao comunismo e o desejo de que esse perigo fosse eliminado.

Com o golpe em 1964, as classes populares foram neutralizadas e as esquerdas reprimidas. Com seu objetivo político concretizado, Herbert Levy perdeu interesse pelo jornal, vendendo-o, no ano seguinte, para o grupo Folha de São Paulo.

## Referências

- BARBOSA, Marialva. “Jornalismo popular e o sensacionalismo”. *Verso e Reverso* (São Leopoldo), Porto Alegre, v.39, n39, p1-8,2004.
- BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. *A UDN e o udenismo. Ambigüidades do liberalismo brasileiro (1945-1965)*. Rio de Janeiro:Paz e Terra, 1981.
- BERSTEIN, Serge. “A Cultua Política”. In RIOUX & SIRINELLI(orgs). *Para uma histórica cultural*. Lisboa: ESTAMPA, 1998
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. *Imprensa e história do Brasil*. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CAMPOS JR, Celso de et al. *Nada Mais que a verdade. A extraordinária história do jornal Notícias Populares*. São Paulo: Carrenho Editorial, 2002.
- D’ ARAÚJO, Maria Celina Soares. “Partidos Trabalhistas no Brasil: Reflexões atuais”. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v3,n6, 1990.
- DREIFUSS, René Armand. *1964: a conquista do Estado. Ação política, poder e golpe de classe*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987
- FERREIRA, Jorge. “A estratégia do confronto: a Frente de Mobilização Popular”. *Revista Brasileira de História*, vol.24, n.47. São Paulo: Anpuh, jan-jun.2004.
- FICO, Carlos. *Além do golpe. Versões e Controvérsias sobre 1964 e a ditadura*. Rio de Janeiro:Record, 2004
- GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. *Do jornalismo político á indústria cultural*. São Paulo:Summus,1987.
- LEVY, Herbert Victor. *Viver é lutar*. São Paulo: Saraiva, 1990.
- LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In PINSKY, Carla (org). *Fontes históricas*. 2.ed. São Paulo:Contexto,2008.
- MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Rio de Janeiro: Revan; Campinas, SP, Unicamp, 1998.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o “perigo vermelho”: o anticomunismo no Brasil (1917- 1964)*. São Paulo: Perspectiva: FAPESP,2002.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. “Desafios e possibilidades na apropriação de cultura política pela historiografia”. In: MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Culturas Políticas na História: Novos Estudos*. Belo Horizonte: Argumentum, 2009.
- REIS, Daniel Aarão. “Ditadura e sociedade: as reconstruções da memória”. In: REIS, Daniel; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *O golpe e a ditadura militar: quarenta anos depois (1964-2004)*. Bauru, SP: Edusc, 2004
- SILVA, Wlamir. “A imprensa e a pedagogia liberal na província de Minas Gerais (1825-1842)”. In: NEVES, Lucia Maria; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania. (Org.). *História e imprensa: representações e práticas de poder*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

Recebido: 13/08/2012

Aprovado: 24/09/2012